

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

BNDES: 50 anos de desenvolvimento (BND)

Um futuro contador

História de [Aluizio Borba Lopes Filho](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 00/00/0000

BNDES: 50 anos de história

Depoimento de Aluizio Borba Lopes Filho

Entrevistado por Sofia Costa Pinto

Rio de Janeiro, 12/04/2002.

Realização: Museu da Pessoa

Entrevista número: BND_CB028

Revisado por Luiza Gallo Favareto

P/1 – Bom, primeiro diga qual o seu nome, o local e a data de nascimento.

R – Aluizio Borba Lopes Filho, nasci no Rio de Janeiro em dois do dez de 56.

P/1 – Como e quando se deu o seu ingresso no BNDES?

R – Meu pai já trabalhava aqui, aí um colega meu, chamado Maranhão e o Luiz, que é da da Sa branca, ele falou que ia ter esse concurso pra contínuo e aí eu vim, fiz a inscrição, passei. Fui o último colocado, mas passei.

P/1 – E há quantos anos você está aqui?

R - Dezoito anos.

P/1 - Fala um pouco mais sobre como foi essa entrada? Se você ficou nervoso na prova?

R – Não, não. Meu pai falou: “Vai lá fazer”, eu vim. Ele já estava aposentado, mas ele quase sempre estava aqui no banco. E esses colegas dele que avisaram que ia ter o concurso, aí eu vim, fiz e passei. Mas eu já tinha trabalhado pra uma empresa, a _____, muita gente aqui do banco, naquela época, trabalhava, tipo terceirizada, _____. Eu substitui umas férias, depois é que eu fui pra Coopeme, e voltei pro BNDES através dessa prova.

P/1 – Seu pai fazia o que aqui no banco?

R – Era auxiliar de Portaria. Aposentou em 78, teve problema de coração e aposentou. Ele entrou em 53, e ele foi um dos fundadores daqui. Entrou logo, logo no início que o banco começou, ele começou. Ele saiu em 78, por problemas de coração. Aposentou.

P/1 – Quais foram as mudanças no seu percurso no BNDES. Quais foram os cargos que você passou e hoje, o que você faz?

R – De contínuo, fiquei dezesseis anos. De contínuo trabalhei em Diretoria a maior parte do tempo. Quando esse banco foi inaugurado, esse prédio, um dos primeiros a chegar aqui foi a Diretoria. Eu trabalhava, era contínuo da Diretoria e vim pra cá. Quase invadiram. Invadiram. Nós

fomos chegando e depois é que veio o resto do pessoal. Essa mudança foi boa porque era todo mundo separado, cada departamento era... 125 Rio Branco, era 110 Rio Branco, vários lugares... O banco estava em tudo quanto é lugar aqui no centro, tudo separado. E esse banco juntou todo mundo. Foi muito bom. Esse prédio juntou todo mundo.

P/1 – Conta dessa época quando você chegou, que aqui era quase vazio, o que você fazia? Quem era o Diretor? Como eram essas coisas?

R - Eu vim com o Luiza Assis. A diretora era Luiza Assis, a secretária era Inêz Bacelar, acho que a Berta também. Não lembro mais, não. Os nomes da época eram Luiza Assis, Inêz Bacelar, Berta... Quem trabalhava comigo era o Paulo Simonin, acho que era o Paulo Simonin que veio junto comigo pra cá. Trabalhava comigo como contínuo também.

P/1 - Como era o seu dia a dia? O que era o seu trabalho exatamente? O que é ser contínuo?

R – Era entregar correspondência, fazer o que a secretária pedia, o que eles precisavam. Entregar correspondência e receber as pessoas no corredor. Chegava uma pessoa pra gente indicar pra onde era, pra nossa área.

P/1 – Aí depois, o senhor deixou de ser contínuo, aí mudou de cargo. Como foi essa mudança e o que você passou a ser?

R - Eu fiz concursos externos também. Eu me formei em 83, em contagens... E continuei trabalhando aqui porque não era vantagem, mesmo contínuo trabalhar em... Fiz estágio em empresa de fora, como de contabilidade, e não era vantagem eu ser contador lá e contínuo aqui. Era melhor ser contínuo aqui do que ser contador em empresa de fora. Aí eu continuei aqui como contínuo mesmo. Eu tive uma chance de trabalhar numa empresa de fora, mas não era vantagem. O banco sempre foi muito... Remunerou bem, sempre remunerou bem, apesar de ser contínuo. E aí eu preferi ficar aqui. Eu tive chance de ir pra lá, fiz estágio nas Generale, mas aí não deu. A parte financeira era melhor ficar aqui do que trabalhar em contabilidade lá. Eu tive outras chances, eu fiz provas e não passei, pra auxiliar. Aí depois teve uma chance em 88, eu fiquei por detalhes, passei em Português e Matemática, fiquei por Datilografia. Aí em 92 teve outra prova e aí passei, mas aí já não era Datilografia, era computador, aí eu passei. E aí eu fui trabalhar como auxiliar de assistente técnico de arquivo B, e logo fui trabalhar com um colega meu, o Rogê, me deu uma chance de trabalhar com o CDB. Compra de CDB que o banco fazia. Ele me deu uma chance de fazer isso, de trabalhar com isso que ele não gostava muito. Depois acabou o CDB e ele saiu. Aí eu desci e fui pro setor de compra de material. Fiquei trabalhando com compras de material com o Henrique, o pessoal conhece o Henrique. Depois eu fui trabalhar com o Cláudio Barros, no emec, no mesmo setor que eu trabalhei com o Rogê, só que tinha acabado o CDB, era com o (Debentros?). Com debêntures, e controlando moeda podre, moeda de privatização - chamavam de moeda podre, mas não é. Moeda de privatização que o banco tinha, a gente controlava isso... Ajudava o Cláudio a isso. O Cláudio Barros era o chefe na época da emec, isso em 98, 99.

P/1 – O que é isso? Explica melhor.

R – Moedas de privatização, são as moedas que o banco... Participava dessas empresas, e ficava com essas moedas, e o banco controlava. E quem controlava era esse departamento de Mercados de Capitais, o Cláudio Barros era o coordenador, era o chefe, ele que ensinava a gente: “Faz assim” e a gente fazia. A gente auxiliava o Cláudio, como auxiliar administrativo a gente só auxiliava o Cláudio nesse setor de moedas de privatização, e Debentros também, na parte de contabilidade disso. Aí depois eu fui pra... Daí eu saí e surgiu uma oportunidade pra secretário, e secretário tem comissão, aí preferi ir pra secretário, e até hoje eu estou de secretário lá no vigésimo andar, na RVGFUN Renda Variável de Agencia Financeira.

P/1- Você se lembra de alguma história de quando você era criança, você falou da história do prédio da Sete de Setembro?

R – Ah é. Na época do meu pai, ele me levava pra esse prédio, lá na Sete de Setembro, 48. Eu ficava andando de elevador o dia todo, com os colegas, com o pessoal do... Os ascensoristas e eles me tratavam maravilhosamente. Nunca esqueci. Até hoje eu passo lá, mas não vejo... Só vi uma pessoa dessa época, uma vez só. Fora, não lá no prédio. Até hoje eu passo naquele prédio e lembro que eu ficava ali de elevador pra lá e pra cá. Meu pai me levava. Até foi bom lembrar essa passagem. Eu hoje estou trabalhando aqui.

P/1 – Quantos anos você tinha nessa época?

R – Eu devia ter uns oito anos, seis a oito anos.

P/1 – Você quer contar alguma coisa que você se orgulha, alguma coisa que você reprova, alguma coisa que você se orgulha de estar no BNDES? Por que?

R - Eu posso dizer das provas que a gente participou... Quando eu entrei fiz essa prova pra contínuo, depois essa oportunidade que o banco deu, pra auxiliar. Isso foi bom. E eu tenho dado pra contar, mas não tenho passado, mas até antes de aposentar de repente da tempo de passado. Só depende de mim, eu tenho que estudar mais, é que eu realmente não estudo, não tenho estudado como tem que se estudar. Se eu estudar dá pra passar.

P/1 – Você quer ir então pra qual seção?

R – De contador, sou formado em Contabilidade. E se der tempo ainda, porque faltam sete anos pra me aposentar, sete anos e meio mais ou menos. Se der tempo... Mas até lá tem concurso, eu tô fazendo, se der eu passo.

P/1 - Eu queria saber o que é o BNDES pra você?

R - Pra mim foi a minha vida, eu sempre vivi de BNDES. Meu pai era daqui e eu sempre vivi do BNDES. Meu pai... Quando eu nasci ele já trabalhava aqui, e depois eu vim trabalhar aqui, minha vida. Eu acho que é importante pro Brasil, o BNDES é muito importante, pra mim muito mais, eu sempre vivi disso aqui.

P/1 - E pra encerrar, eu queria saber o que o senhor achou de ter participado dessa entrevista, e portanto, ter contribuído para o projeto dos cinquenta anos do BNDES.

R - Eu acho importante porque, se não tinha nada profissional, hoje tem. É importante, uma coisa profissional guardada, um museu. Uma coisa do BNDES desde 53, tem uma história pra contar. Tem muita gente que fala do BNDES e muita gente que nem conhece essa palavra. O que significa BNDES? Mas hoje, tendo esse trabalho, vai ter: "BNDES é isso". Inclusive geral, dos funcionários até o que o BNDES faz pelo Brasil. É isso.

P/1 – Obrigada.